



Segunda-feira os comerciários fizeram manifestações a favor da aprovação do projeto que institui a semana inglesa e ontem eles retornaram à Câmara Legislativa para comemorar a primeira parte da vitória.

# Semana Inglesa pode sofrer vetos

A Câmara Legislativa aprovou ontem, definitivamente, o projeto de lei que institui a Semana Inglesa no DF. Foram aprovadas cinco emendas, que não mudaram substancialmente o texto original do projeto. O governador Joaquim Roriz tem o prazo de 15 dias úteis para sancionar ou vetar o projeto.

O líder do governo na Câmara Legislativa, deputado Maurílio Silva (PTR), informou que o governador deve vetar parcialmente a proposta, abrindo a possibilidade de um turno de trabalho extra aos sábados, para permitir que o comércio funcione até as 18h. "A preocupação do governador é com o desemprego, vamos tentar negociar uma mudança no projeto para evitar as 20 mil demissões anunciadas pelos comerciantes", observou Maurílio.

As emendas aprovadas estendem a liberdade no horário de funcionamento às peixarias, casas de frango, lojas de hortifrutigranjeiros, floriculturas, frutarias, feiras livres e permanentes, comércio de

feiras e exposições e funerárias. Segundo o relator das emendas, deputado Geraldo Magela (PT), a liberação desses comércios se deve ao fato da categoria ser de produtos "essenciais" para a população. Segundo esse argumento, Magela rejeitou uma emenda da deputada Maria de Lourdes Abadia (PSDB), que pediu a liberação das videolocadoras, pois segundo ele, "trata-se de um comércio importante, mas não é essencial. Se os comerciantes acharem imprescindível abrir as locadoras no sábado à tarde, que façam um acordo com seus empregados", observou o relator.

Os deputados governistas Tadeu Roriz, Salviano Guimarães e Jorge Cauhy apresentaram emendas mudando os horários estabelecidos pela Semana Inglesa, mas foram derrotados. Tadeu pretendia estender o horário de sábado até as 18h, mediante um acordo entre patrões e empregados para a instalação de um segundo turno de trabalho no final

de semana. Outra emenda, apresentada por Cauhy, permitia a abertura do comércio aos domingos nos dias que antecedessem a "datas tradicionais", como Natal, Páscoa, Dia das Mães, dos Pais, dos Namorados, da Criança etc. Já Salviano apresentou uma proposta de emenda estendendo para as 14h o horário máximo de funcionamento nos sábados, argumentando que nesse dia o comércio começa a funcionar mais tarde do que nos demais dias da semana.

Os comerciários, que novamente lotaram a galeria na tarde de ontem para acompanhar a votação em segundo turno, criaram o primeiro lobby popular na Câmara Legislativa. Monitorados por representantes da CUT, os trabalhadores acompanharam passo a passo as votações, vaiando as iniciativas contrárias à Semana Inglesa, e aplaudindo os discursos calorosos dos deputados, que aproveitaram a platéia para se colocarem favoráveis às "causas populares".

## “Guerra” pela TV custou caro

Os brasilienses foram surpreendidos com uma verdadeira guerra pela tevê, no último final de semana. De um lado, os comerciários apresentaram depoimentos dos deputados distritais favoráveis ao projeto da Semana Inglesa. Com uma menor frequência, os responsáveis pelos estabelecimentos comerciais apresentavam aos telespectadores as desvantagens do projeto.

Mas como toda batalha, esta teve um alto preço para ambas as partes. Segundo o presidente do Sindicato dos Comerciários, Raimundo Neves, toda a campanha, veiculada em três redes de televisão e em duas rádios FM, custou cerca de Cr\$ 4 milhões, quase metade do valor empregado pelas entidades patronais, Cr\$ 2 milhões e 500 mil, de acordo com o presidente do Sindicato do Comércio Varejista, Lázaro Marques.

"O dinheiro que nós utilizamos para publicidade veio das contribuições sindicais feitas pelos comerciários no ano passado e este ano", informou Raimundo Neves. Disse ainda que, se for necessário, "ainda existem recursos no caixa do sindicato para ser usado em favor dos cerca de 60 mil comerciários do DF".

Segundo Lázaro Marques, "os nossos gastos foram rateados entre entidades patronais" (a Associação dos Supermercados de Brasília - Asbra, ParkShopping, Conjunto Nacional, Alameda Shopping, Associação Comercial, Clube dos Diretores Lojistas e Sindicato de Comércio Varejista).

"A nossa campanha foi programada estrategicamente e estava pronta há mais de 15 dias", afirmou o presidente do Sindicato dos Comerciários. Segundo ele, todos os horários nobres na tevê foram reservados com muita antecedência.

Neves contou que 20 deputados gravaram depoimentos sobre a Semana Inglesa, mas apenas dois disseram que não concordavam com o projeto.

Participaram da cobertura os repórteres Roberto Seabra, Sandra Brasil e Amaral Sales

## Lojistas prevêem demissões

A aprovação da semana inglesa pode provocar a demissão de cerca de 12 mil comerciários. A afirmação é do presidente do sindicato patronal do Comércio Varejista, Lázaro Marques. Ele atribuiu a vitória do projeto de lei nº 080, "à pressão que os dirigentes do Sindicato dos Comerciários fizeram intensamente na Câmara Legislativa para a criação do novo horário".

Lázaro Marques disse que o número das possíveis demissões diminuiu porque "o horário aprovado foi de 8h às 22h e não às 18h". Ele estimava, na semana passada, que 20 mil comerciários ficariam desempregados. Falou, ainda, que os maiores prejudicados serão os estabelecimentos comerciais das satélites, da W/3 Sul e das entrequadras do Plano Piloto. "Eles não usarão a prerrogativa de abrir até às 22h, por falta de condições, e perderão metade do sábado, quando mais vendiam", afirmou Marques.

**Terrorismo** — Para o presidente do Sindicato dos Comerciários, Raimundo Neves, "as demissões não passam de terrorismo barato". Ele disse que esse tipo de ameaça já é comum na história

das lutas da classe trabalhadora. "Quando os bancários e os rodoviários começaram a reivindicar as seis horas de jornada diária, os patrões também falavam em muitas demissões, que não se efetivaram", afirmou Neves.

Segundo ele, com a implantação da semana inglesa, o comércio vai funcionar normalmente durante a semana, mas no sábado pela manhã "as vendas deverão triplicar". Em função desse provável aumento de demanda no sábado, Raimundo Neves acha que os lojistas não poderão demitir ninguém "senão o atendimento será prejudicado", acentua.

Lázaro Marques pensa o contrário. Para ele, as vendas na manhã de sábado, "diminuirão cada vez mais porque os consumidores terão que optar entre o clube e as compras".

O presidente do Sindicato dos Comerciários informou que, desde 1987, todas as lojas especializadas em material de construção fecham às 12h. "Isto foi resultado de um acordo firmado entre os patrões e empregados, e não acarretou nenhuma demissão".

Neves contou que 20 deputados gravaram depoimentos sobre a Semana Inglesa, mas apenas dois disseram que não concordavam com o projeto.

Participaram da cobertura os repórteres Roberto Seabra, Sandra Brasil e Amaral Sales

## Novo horário divide opiniões

Sair às compras, a partir da aprovação pela Câmara Legislativa da Semana Inglesa para o funcionamento do comércio em Brasília, exigirá do consumidor brasiliense uma certa organização. Quem está acostumado a deixar para o sábado à tarde as visitas a lojas e supermercados terá que encontrar tempo durante os dias úteis até as 22h e nos sábados até às 12h. As opiniões sobre o novo horário se dividem entre consumidores e comerciários. Muitos aprovam a medida justificando que, agora, o trabalhador no comércio terá um pouco mais de tempo para si próprio e para os familiares.

Numa rápida pesquisa de opinião feita pela reportagem do CORREIO BRAZILIENSE entre o público que ontem passava pelo Conjunto Nacional (CNB), ficou clara a diferença da receptividade à Semana Inglesa.

**Maurício Araújo, estudante, 21 anos (foto)** — Interpreta a decisão da Câmara Legislativa de instalar a Semana Inglesa como positiva para os comerciários, porém, maléfica para a população acostumada a fazer compras sábado à tarde. "Pessoalmente não tenho nada contra, pois tenho muito tempo e posso ir às compras qualquer dia da semana", afirma.



**Márcia Helena Gama de Sousa, comerciária, 19 anos (foto)** — Está vibrando com a modificação de seu horário de trabalho. "Finalmente temos um pouco mais de tempo para dedicarmos à nossas famílias". Já casada e com um filho, ela reclama que seu horário de trabalho é muito ocupado, não permitindo que cumpra suas tarefas caseiras.



**Álvaro Alvetti, aposentado, 63 anos (foto)** — É radicalmente contrário ao novo horário estabelecido pela Câmara Legislativa. Segundo ele, "a medida traz mais prejuízos que vantagens não só para o cidadão mas também para os comerciários". Alvetti acredita que com a Semana Inglesa haverá uma avalanche de demissões no comércio da cidade.



**Marília de Dirceu Castro, funcionária pública, 47 anos (foto)** — Pondera que "se houver organização há tempo para tudo". Ela acha a modificação do horário de funcionamento do comércio uma medida justa para os comerciários "que também merecem descansar nos finais de semana". Com a Semana Inglesa, Marília afirma que vai se adequar ao novo esquema



**Clarisse de Freitas, economista, 29 anos (foto)** — Casada e, com um filho, não acha que o horário da Semana Inglesa vá atrapalhar sua vida na hora das compras. "Para mim é indiferente, pois quase nunca saio aos sábados à tarde para fazer compras, custumo deixar para os dias úteis este tipo de tarefa", explica.



Uma grande maioria não gostou nem um pouco do horário estabelecido pelos deputados distritais, alegando que o sábado é o único dia que encontram tempo para as compras. Já outra parte entrevistada considerou que, finalmente, os comerciários poderão descansar nos finais de semana como fazem os demais trabalhadores em outras atividades profissionais.

Para os beneficiados, que são os empregados no comércio da cidade, o contentamento pelo horário da Semana Inglesa não podia ser disfarçado. Mesmo os comissionados, que representam cerca de 15 por cento da categoria, receberam a medida com satisfação. O receio, no entanto, fica por conta das ameaças de demissão como forma de retaliação dos comerciantes à aprovação do novo horário.

**Alexandre Zaban, funcionário público, 21 anos** — Entende que o fechamento do comércio aos sábados é, meio-dia, "por um lado é bom para os comerciários, que terão mais tempo para dividir com suas famílias, mas, por outro, atrapalha a vida de quem não tem muito tempo para as compras, como é o meu caso".

**Terezinha Sousa, economista, 31 anos** — Diz que a Semana Inglesa é "pessíssima para o consumidor de Brasília". Ela explica que tem apenas os finais de semana para fazer compras, pois seu dia-a-dia é suficientemente corrido a ponto de não sobrar tempo para comprar o que precisa. Terezinha acredita também na possibilidade de demissões no comércio.

**Carlos Alberto Montalvani, supervisor de loja, 30 anos** — Achou ruim o novo horário para o comércio. Segundo ele, "além das demissões que sem dúvida ocorrerão, o comerciário comissionado sairá prejudicado com a diminuição de seu salário". Carlos ressalta que "só nos finais de semana, em especial sábado à tarde, que a população sai para as compras".

**Marina Soares, professora, 32 anos** — Também não gosta muito do comércio passar a fechar aos sábados, meio-dia, permanecendo aberto de segunda a sexta-feira das 8h às 22h. "Nós temos somente os sábados e domingos para nos divertir um pouco, com o comércio fechando às 12h dos sábados diminuem em 50 por cento nossas alternativas".

**Mércia Surene, secretária, 20 anos** — Mesmo reclamando de que tem apenas os finais de semana para ir às compras, pechinchar preços e acompanhar as novidades do mercado, reconhece que a medida do ponto de vista social, é benéfica para os comerciários. Mércia afirma que, se depender dela, irá colaborar para a implantação da semana Inglesa.